

Programa de Revelação das Aptidões e Capacidades Desportivas de Atletas Portadores de Altas Habilidades no Futebol Brasileiro: Do Senso Comum Instintivo à Metacognição Intuitiva

Artigo Original

Tadeu Correia da Silva

Programa Stricto Sensu em Ciência da Motricidade Humana da Universidade Castelo Branco – Brasil
coroneltadeu@uol.com.br

Vernon Furtado da Silva

Programa Stricto Sensu em Ciência da Motricidade Humana da Universidade Castelo Branco – Brasil
vfs@castelobranco.br

CORREIA DA SILVA, T.; SILVA, V.F. Programa de revelação das aptidões e capacidades desportivas de atletas portadores de altas habilidades no futebol brasileiro: do senso comum instintivo à metacognição intuitiva. *Fitness & Performance Journal*, v.3, n.6, p.315-326, 2004.

RESUMO: O objetivo deste artigo foi explicitar como é revelado o “talento” no futebol brasileiro. Situado os desportos brasileiros em relação às escolas mundiais, diagnosticou-se a produtividade do nosso futebol. Concluiu-se que o mosaico do paradigma dominante tem rupturas, via paradoxos do profissionalismo “marrom” (início do século) transformado em profissionalismo “laranja” na atualidade; o fato de o Brasil ser o melhor futebol do mundo, mas não apresentar o melhor índice técnico-desportivo; outrossim, os observadores técnicos (olheiros) avaliam o “talento” pelo senso comum instintivo nos mesmos moldes de décadas anteriores, sem perspectivas e estratégias metacognitivas.

Palavras-chave: cognição, metacognição, motricidade, portador de altas habilidades, superdotado, talento.

Endereço para correspondência:

Data de Recebimento: outubro / 2004

Data de Aprovação: dezembro / 2004

Copyright© 2008 por Colégio Brasileiro de Atividade Física, Saúde e Esporte.

Fit Perf J	Rio de Janeiro	3	6	315-326	nov/dez 2004
------------	----------------	---	---	---------	--------------

ABSTRACT

Aptitude Revelation and Sporting Skills Program for Athletes Possessing High Standards in Brazilian Soccer. From the instinctive Common Sense to Intuition metacognition

The aim of this article was to reveal how the soccer talent in Brazil unfolds. The productivity of Brazilian soccer could be finally scanned once it was related to other world schools. The conclusion leads to the idea that the dominating paradigm mosaic has a rupture. This split occurs via paradoxes of the so called "brown professionalism" meaning here – amateur players who don't earn salaries but get paid "under the table" by the club presidents (very common in the beginning of the last century). This routine has turned into the "laranja professionalism" – watchers that make money by negotiating players who don't necessarily have the greatest talent and not sharing the trade money with the clubs. This is a very common practice nowadays. Although Brazil has the best soccer ever, it fails in presenting a remarkable technique and good registers. Similarly, the watchers evaluate the talent using the common instinctive sense under the same patterns of the previous decades, with no met cognitive strategic perspectives.

Keywords: Cognition, metacognition, motricity, high skills owners, super gifted and talented.

INTRODUÇÃO

A existência de um programa de revelação das aptidões e capacidades desportivas ("**P.R.A.Ca.Desp.**") de atletas portadores de altas habilidades ("**Port.Al.Ha.**") é fundamental para diagnosticar e otimizar a prática desportiva no Brasil, especialmente no futebol. Este tema pontua os limites que vão do senso comum instintivo à metacognição intuitiva com que os observadores técnicos (olheiros) avaliam o talento no futebol brasileiro.

O problema a ser pesquisado justifica-se, pois busca preencher e suprir carências, agregando valores ao "Ente do Ser do Homem" (atleta), uma vez que:

- Não há relatos na literatura brasileira sobre programas que revelem atletas "Port.Al.Ha." nos vários desportos. Os desportos, principalmente o futebol, no âmbito internacional, ainda possuem extensas lacunas sobre este tema.
- Poder-se-á corrigir possíveis falhas, equacionando soluções multifatoriais, quer seja sob a óptica administrativa, científica, quer metodológica e pedagógica;
- Otimizar-se-á a revelação e o treinamento em longo prazo no futebol e em outros desportos, facilitando o processo socio-cultural, suprimindo e preenchendo as carências sociomotrizas dos atletas.
- A significância deste estudo está em agregar valores positivos aos atletas não "Port.Al.Ha."

A fundamentação dos pressupostos teóricos é viabilizada por uma política na área de gerência de qualidade total, construindo-se um programa que considere os fatores de influência na maturação biofísica, mental e sociocultural do atleta (vê-lo holisticamente). Esta estrutura é complexa e abrange programas de longo prazo. Os autores listados a seguir pontuam e delimitam a essência de um programa modelo característico:

- Estudos realizados pelos defensores daqueles que acreditam ser o sucesso em Olimpíadas diretamente proporcional aos recursos

RESUMEN

Programa de Detecção de las Aptitudes y Capacidades Deportivas de Deportistas Portadores de Altas Habilidades en el Fútbol Brasileño: De la Percepción Instintiva a la Metacognición Intuitiva

El objetivo de este artículo fue identificar como es revelado el "talento" en el fútbol brasileño. Situando los deportes brasileños en relación a las escuelas mundiales. Fue diagnosticado la productividad de nuestro fútbol. Se concluyó que el mosaico del paradigma dominante tiene roturas, por medio de antagonismo del profesionalismo "gris" (comienzo del ciclo) transformado en profesionalismo "naranja" en la actualidad; el hecho de que Brasil es el mejor fútbol del mundo, pero no presentar el mejor índice técnico deportivo; sin embargo, los observadores técnicos valorizan el "talento" por la percepción intuitiva en los mismos moldes de las décadas anteriores, sin perspectivas ni estrategias metacognitivas.

Palabras clave: cognición; metacognición; portador de altas habilidades; superdotado; talento.

governamentais empregados consideram necessário um investimento médio de oito milhões de dólares australianos, sendo de \$ 37 milhões o valor de uma medalha para os cofres públicos (Hogan e Norton apud GULBIN, 2003).

- A influência do meio ambiente, família, e particularmente a capacidade de desenvolvimento e aprendizagem na formação do atleta deve ser levada em consideração na indicação do talento esportivo conforme Nadori L., Renger e Wang (apud FERNANDES FILHO, 2001, p. 5).

- A prática e a experiência dos domínios mecânico e cognitivo são fatores primordiais para o desenvolvimento da base construtiva do processo de pensar e operacionalizar o corpo em relações isoladas e integradas ao meio ambiente. Assim sendo, a construção de uma memória efetiva em experiências e extremamente funcional em termos de operacionalização hábil-motora pode ser um potencial indicativo para uma tal identificação (Silva, Vernon 2002).

Define-se produtividade como a relação entre os resultados alcançados e/ou qualidade e os recursos despendidos para alcançá-los. O Brasil possui um enorme potencial de craques, mas qual será o seu índice técnico-desportivo e gerencial? Logo, qual será sua produtividade? Com isto, traçou-se como objetivo geral identificar os motivos extrínsecos e intrínsecos que influem e/ou determinam como crianças, jovens e adolescentes "Port. Al.Ha." no futebol brasileiro são avaliados em "P.R.A.Ca.Desp." Desta forma, utilizaram-se três metas:

Primeiro, coube compreender como crianças, jovens e adolescentes "Port.Al.Ha." são avaliados durante os "P.R.A.Ca.Desp." nas "escolas" da Alemanha, Austrália, Cuba, EUA e ex-URSS, em relação à "escola" brasileira. A segunda meta foi compreender e explicar o contexto epistemológico do paradigma dominante no futebol brasileiro. A terceira foi compreender como crianças, jovens e adolescentes "Port.Al.Ha." são avaliados por "olheiros" durante eventos (campeonatos, jogos, "peneiras", etc.) de "P.R.A.Ca.Desp." no futebol.

O contexto dos objetivos traçados apontou como questões a investigar:

- No Brasil existem programas que revelem o talento no futebol e os demais desportos?
- A produtividade técnica específica ao futebol, no Brasil, é coerente com sua tradição no cenário mundial?
- Qual o grau de produtividade nas avaliações por parte dos “olheiros”, para revelar o talento no futebol?

METODOLOGIA

O método fenomenológico, Beresford (2001), fundamentou a construção deste estudo que pode ser classificado como argumentativo. A parte empírica da pesquisa obedece aos pressupostos inerentes ao cunho descritivo e de campo.

Um modelo *ex-post facto* classificado como causa-efeito foi utilizado, pois os dados coletados foram tomados em referência a fatos já ocorridos (resultados da Seleção Brasileira de Futebol em competições internacionais).

Quantitativamente, esta pesquisa tem delineamento quase experimental, seguindo a linha de pesquisa etnográfica com ênfase na abordagem qualitativa. Existindo um bom equilíbrio entre a pesquisa e a participação, favorecendo ao pesquisador utilizar a ferramenta da “pesquisa participante” jungida às características de “história não-documentada” captada pela experiência do pesquisador em sua macrodimensão de convívio cotidiano com o objeto de estudo. Ressalte-se o compromisso do pesquisador de devolver ao grupo pesquisado o resultado de suas pesquisas, o que torna relevantes alguns conceitos gramscianos, como os de “bom senso”, “senso comum” ou “intelecto orgânico”.

Amostra

A amostra do estudo foi constituída pelos resultados da Seleção Brasileira de Futebol em Copas do Mundo, Jogos Olímpicos e Copa América.

Em um primeiro momento, levantaram-se os resultados oficiais do selecionado brasileiro de futebol. Num segundo, traçou-se um gráfico do desenvolvimento paradigmático do futebol no Brasil que, por comparação, aceitasse ou rejeitasse, em parte ou no total, os pressupostos investigados. Incluiu-se aqui o futebol olímpico, mesmo contra os argumentos de que é uma competição com restrições, por se entender que esta competição faz parte de um *continuum* de preparação a longo-prazo.

Excluíram-se as competições com menor índice de dificuldades, ou sem maior tradição, como: Campeonato Pan-Americano; Copas Roca, Rio Branco, etc. As equipes colocadas abaixo do 5º lugar não foram computadas.

Procedimentos Experimentais

A coleta de dados buscou informações que pudessem dimensionar os indicativos do “índice de aproveitamento técnico desportivo” do futebol brasileiro. Foram analisadas todas as Copas do Mundo de 1930 a 2002. Os valores foram obtidos dividindo-se o escore da classificação do país na Copa pelo número de países participantes, multiplicados por 100. Nos valores absolutos

foram calculados os valores médios obtidos, considerando todas as Copas. Nos valores relativos, consideraram-se os valores médios obtidos pelos países nas Copas em que participaram. Outro procedimento ficou por conta de uma proposta etnográfica, com ênfase na abordagem qualitativa, considerando o método fenomenológico.

Coleta de Dados

Coletaram-se os dados da FIFA, com os resultados oficiais obtidos pela Seleção Brasileira de Futebol. A pesquisa etnográfica foi complementada por coleta de dados em diversos clubes, com “olheiros”, demais profissionais da área, bem como foi aproveitada a experiência deste pesquisador como investigador participante.

Tratamento Estatístico

No estudo dos índices técnico-desportivos, desenvolveram-se técnicas de estatística descritiva, caracterizando-se o universo amostral em função das variáveis selecionadas sob formas de desvio padrão e média. Para a comparação entre os dois maiores centros de futebol do mundo, optou-se por análises descritiva e inferencial, sendo esta última representada por uma Análise de Variância do tipo *One Way*, uma vez que as pontuações graduadas em relação às várias competições das duas equipes em Copas do Mundo foram *a priori* normalizadas.

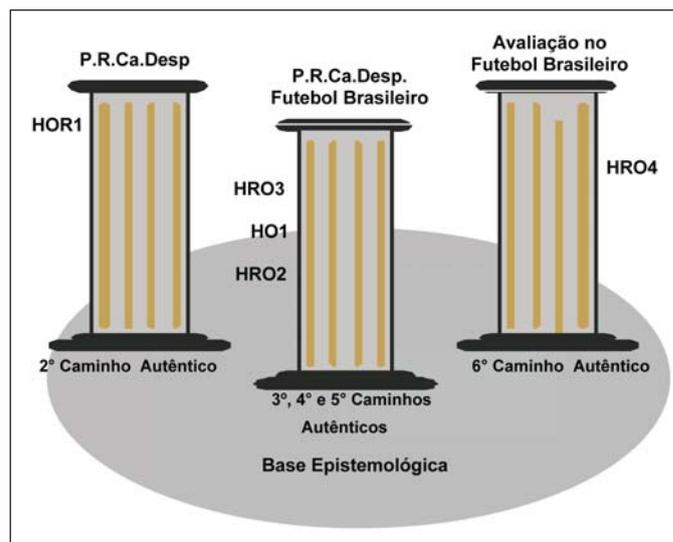
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A base epistemológica desta pesquisa (**1º caminho autêntico**), sustenta três pilares (objetivos) erguidos pela essência de caminhos autênticos — caminhos do valor — (**Figura 1**). Chegaremos aos três objetivos principais percorrendo os caminhos autênticos, num total de seis.

Base Epistemológica no Futebol

O 1º caminho autêntico formatará a base científica do futebol e seus pontos de ruptura epistemológica. Para isto, buscou-se

Figura 1 – Caminhos Autênticos dos “P.R.Ca.Desp.” visando o futebol



responder à pergunta: O que mudou no futebol do Brasil nos últimos 100 anos? Inferiu-se que, neste lapso de tempo, o futebol, paixão nacional, demonstra até hoje:

- **Nas estruturas materiais** - forma de gerência administrativa amadorística; a falta de um programa modelo-característico com base na totalidade antropológica; a legislação desportiva ainda é precária; falta profissionalismo à CBF e às Federações, não sendo definidos claramente seus papéis; profissionais das diversas áreas que lutam para adentrar no futebol encontram como barreira dirigentes amadores que não permitem qualquer tipo de mudança em sua forma de ver e trabalhar o atleta de alto rendimento.
- **Nas estruturas humanas** - os recursos humanos e tecnológicos pecam pela falta de qualificação dos dirigentes e das equipes técnicas; as revelações de atletas carecem de critérios e normas; pseudo “avaliadores” por vezes não possuem conhecimentos *a posteriori*, o que não permite agregar valor ao processo; os técnicos desportivos, comumente dificultam o trabalho de seus auxiliares (fisioterapeuta, fisiologista, nutricionista, psicólogo, preparador físico, etc.). Ainda persiste a crença de que o psicólogo é um mago. Todavia, perguntamos: mago não é o “olheiro”, que sem critério ou norma prediz que um atleta vai ser “talento”?

O futebol brasileiro sobrevive na miopia de múltiplas áreas do saber, carecendo de medidas multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar. O treinamento do atleta em geral é mecanicista e voltado para a motilidade. Consciente da instabilidade científica do futebol, as metas propostas serão estudadas em dois compartimentos que lhes são formadores:

- Compartimento das homeomerias (elementos materiais que formam as diferentes coisas), que abrange o “P.R.A.Ca.Desp.” geral e o futebol (objetivos 1 e 2);
- Compartimento humanista, que abarca o trabalho do “olheiro”, delimitado pelo atleta “Port.Al.Ha.” no futebol brasileiro (objetivo 3).

Homeomerias dos “P.R.A.Ca.Desp.” em Escolas Internacionais

A primeira coluna da **Figura 1**, eminentemente material, relaciona-se com programas modelo-característico para os desportos e vem consolidar o 1º objetivo via o 2º caminho autêntico, onde se constatou que: - *Não existe coerência interna quando crianças, jovens e adolescentes portadores de altas habilidades são avaliados em programas padrão de revelação das aptidões e capacidades desportivas na “escola” brasileira, em relação as “escolas” da Alemanha, Austrália, Cuba, EUA e ex-URSS (HRO).*

Escolas Desportivas Internacionais

Os “P.R.A.Ca.Desp.” em geral são programas básicos para qualquer desporto, com ênfase nas fases sensíveis do desenvolvimento motor e da maturação biológica. O futebol é um estágio deste programa. A realidade mundial mostra que:

- Nas principais “escolas” desportivas, as baterias de testes são depuradas na proporção em que são incentivadas as gerências da qualidade administrativa.

- A ciência dos desportos vez por outra se defronta com problemas entre profissionais práticos (administradores, comissões técnicas, treinadores, etc.), versus profissionais teóricos (pesquisadores). A busca do talento requer que estes profissionais deixem o véu do tabu e da vaidade e se dispam dos preconceitos. Os pesquisadores não possuem a experiência dos profissionais práticos, tendo o receio de serem criticados. Os profissionais práticos têm dificuldades de entender e acompanhar o desenvolvimento dos modelos teóricos.
- De acordo com Hommel, Schwanbeck e Steinbach (apud WEINECK, 1999, p. 119), “a ciência dos esportes não pode apresentar nenhum critério que possibilite o estabelecimento de uma bateria de testes que permite a determinação exata do perfil para o desenvolvimento desportivo”.
- Cada país confere ao perfil do modelo-característico de revelação do talento um colorido particular. Dentre os programas para revelar o talento, a Alemanha Oriental foi a que melhores resultados obteve, aplicando o programa e organizando-o, como também desenvolvendo a ciência do desporto a tal ponto que, até hoje, sua literatura e resultados são referência mundial. Percebeu-se nas diversas escolas em particular mais alguns aspectos importantes:
 - A ex-RDA visou à conquista política.
 - Um período de supremacia da ex-RDA, mesmo com uma pequena população, quando comparada com as grandes potências, como EUA e a ex-URSS.
 - A disponibilidade da grande produção científica da Alemanha, e o acervo da ex-URSS guardado como segredo de Estado. A falta de comunicação científica da ex-URSS com outros centros trouxe alguns prejuízos: na ex-URSS, a percentagem de “insucesso” de atletas treinados em Escolas de Desportos e considerados talentos foi entre 86,2% e 90,5% (cf. MARQUES, s.d., p. 16).
 - Embora a ex-RDA fosse um país comunista, nos moldes dos países ocidentais, onde o investimento é privado, investiu pesado financeiramente em medidas especiais de apoio.
 - O modelo-característico da escola australiana, segundo Gulbin (2003), passa por gerência da qualidade total, legado da escola alemã. Fica claro que este tipo de gerência da qualidade é depurador dos erros ocorridos durante os processos de medidas e avaliações na busca dos talentos.
 - Na Austrália, nos EUA e em algumas outras nações, o objetivo centrou-se no marketing, no ganho financeiro e na qualidade de vida.
 - Cuba procurou o bem-estar social, o poder político e a otimização da saúde pública onde as comunidades são ouvidas antes de se formatarem modelos.
 - Segundo Fidel Castro (1999): “Cuba tem sido o país com maior número de medalhas de ouro per capita entre todos os países participantes de Olimpíadas”. Cuba aproveitou sabiamente o desenvolvimento epistemológico dos países da antiga Cortina de Ferro, em especial da escola alemã, com uma pitada de gerência democrática.

- Um período de supremacia cubana, mesmo com reduzido número de habitantes, quando comparado com grandes potências como EUA e a ex-URSS.
- A escola americana otimiza o desporto escolar como fator de saúde, tendo excelente desenvolvimento científico, todavia a nação não prioriza a supremacia desportiva. O que não ocorria na antiga Cortina de Ferro e ocorre em Cuba.
- A ex-URSS buscou o bem-estar físico e o controle estatal.
- A capacidade de organização da ex-URSS não era a mesma da ex-RDA.

Escolas Desportivas no Brasil

Com base nos programas desenvolvidos nas melhores “escolas” mundiais aquirata-se melhor o desporto no Brasil, que por ser um país continental, com uma variedade genética exuberante, merece estudos aprofundados no que concerne a um modelo-característico para revelar o talento.

O desporto brasileiro sobrevive do senso comum, não possuindo um programa de revelação de atletas “Port.Al.Ha.”, e tem como realidade:

- Diferente de outras “escolas” mundiais, o Brasil, positivamente, se preocupa em apoiar os desportos paraolímpicos.
- Eclodem, em alguns Estados, centros de busca do talento.
- São Paulo possui um centro de pesquisa importante, o CELAFISCS.
- O Ministério dos Esportes desenvolve um programa junto às universidades brasileiras (Rede CENESP): Brasília (UnB); Minas Gerais (UFMG); Paraná (UEL); Pernambuco (UPE); Rio Grande do Sul (UFRGS, UFSM); Santa Catarina (UDESP); e São Paulo (USP, UNIFESP).

Os trabalhos no desporto, em geral, privilegiavam medidas e avaliações, não se preocupando com a gerência administrativa. Pesquisadores estrangeiros, no I Congresso Internacional de Treinamento Desportivo, em São Paulo, destacaram ser vital primeiro estabelecer um programa modelo-característico, com os aportes nos diversos estágios e áreas de um programa nacional a longo prazo.

Homeomerias dos “P.R.A.Ca.Desp.” no Futebol Brasileiro

A segunda coluna da **Figura 2** voltou-se para o foco molecular do “P.R.A.Ca.Desp.” no futebol, que será o 2º objetivo a ser conquistado por três caminhos autênticos.

O futebol em si, considerando as homeomerias, é passível de ser analisado sob dois prismas: o método desportivo e a estrutura paradigmática.

Homeomerias e o Método Desportivo

Constatada a falta de um programa desportivo, o próximo passo foi verificar o 3º caminho autêntico: *Não existe coerência interna quando crianças, jovens e adolescentes portadores de altas habilidades são avaliados em programas padrão de revelação das aptidões e capacidades desportivas no futebol brasileiro (HR02).*

A experiência deste pesquisador orienta para falhas de concepção metodológica e pedagógica, conduzindo a rupturas estruturais do paradigma dominante no futebol. Por exemplo, a não-observância da maturação biológica por parte dos técnicos desportivos e responsáveis diretos pelo treinamento. Só este fato pode causar sérias conseqüências, tais como:

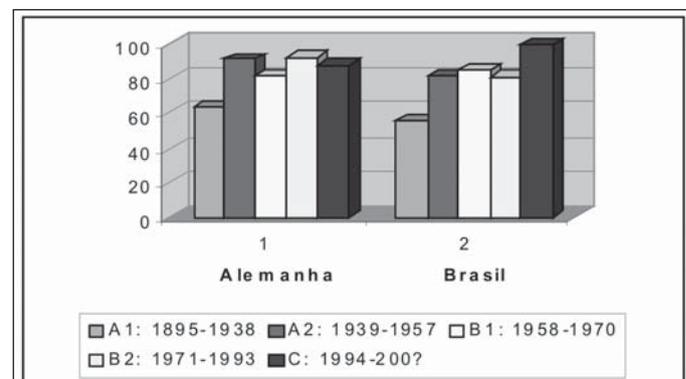
- atletas com idades cronológicas iguais, que têm idades biológicas abaixo ou acima da cronológica, podem induzir avaliações inconsistentes, fazendo com que sejam descartados ou aproveitados erradamente, principalmente se avaliados em curtos períodos ou sem considerar o desenvolvimento das fases sensíveis.
- o treinamento incorreto e fora das fases sensíveis pode criar lesões, prejudicar o crescimento e causar traumas.

Conhecer a história do futebol pode ser proveitoso e facilitar não só a utilização dos educativos pedagógicos, mas também desenvolver os treinamentos táticos, melhor aproveitando o crescimento cognitivo, aflorando assim as estratégias metacognitivas.

Para bem planejar o treinamento a longo prazo durante “P.R.A.Ca.Desp.” no futebol, é importante a compreensão da evolução filogenética neural do futebolista, que aborda a evolução do sistema nervoso hominal em relação aos outros vertebrados, que passaram por alguns estágios do desenvolvimento:

- do sistema olfativo e visceral para os proprioceptores, os receptores à distância, o sistema tátil-quinestésico, o auditivo e o visual. Esta evolução do homínideo ancestral tem de início o homem quadrúpede instintivo, que paulatinamente se transforma no ser bípede cognitivo;
- depois, pela necessidade de se alimentar, o ser na procura do alimento acaba por desenvolver os sistemas carnívoro e herbívoro da digestão, como também a estrutura crânio-dental;
- na luta para manter a própria vida, pouco a pouco ele perde o olfato e vai desenvolvendo a visão;
- passar para a posição ereta foi o próximo estágio; assim os membros anteriores são desenvolvidos como órgãos de manipulação;
- conseqüentemente, tendo desenvolvido a visão e o poder de manipulação, surgem as necessidades de fabricar instrumentos e de se comunicar pela fala, o que redundou no aprimoramento cerebral.

Figura 2 - Índice de Aproveitamento Técnico-Desportivo da Alemanha e do Brasil



Os membros posteriores, usados prioritariamente para a locomoção, tiveram menores possibilidades de desenvolvimento do que os membros anteriores. Foi nos constantes embates para se defender, defender a família e a comunidade em que vivia, que este ser mergulha em guerras. A atividade de sobrevivência do homem e o seu instinto para desenvolver a arte da guerra difundiram e disseminaram as mais variadas formas de treinamento militar. Durante estes treinamentos, o futebol inclusive, é que o já considerado “Ser Humano” tem a oportunidade natural de desenvolver, como combatente, os membros inferiores. Este “Ser” precisa usar com maestria os membros inferiores na transposição de obstáculos naturais do terreno (acidentes e ondulações) ou durante lutas corporais.

Ainda hoje nas Forças Armadas existe a preocupação do desenvolvimento coordenativo. É comum muitos jovens chegarem sem uma boa noção de lateralidade e direcionalidade, motivo pelo qual passam por uma verdadeira reeducação motora:

- instrução de ordem unida;
- instrução de Grupo de Combate (GC) em terrenos inóspitos como: deitar; rolar; rastejar; caminhar à noite utilizando mais a audição, o olfato e o tato do que a visão; engatinhar; ultrapassar obstáculos, etc;
- instrução de Pista de Pentatlo Militar e montanhismo, onde há um circuito com inúmeros obstáculos com índices de dificuldades crescentes, não só para os membros superiores como também para os membros inferiores.

Atualmente, o futebol, evolução natural da arte da guerra, é a prática que mais possibilita trabalhar a sintonia fina e desenvolver os proprioceptores dos membros inferiores do “Ser”.

O futebol, em ordem crescente de importância prioriza o treinamento físico, o treinamento técnico-tático e, por fim, o treinamento tático-técnico, o que é incoerente. As desculpas vão desde o calendário apertado, passando pela falta de organização dos dirigentes, chegando aos treinadores que não valorizam este tipo de condicionamento. Em verdade, tal não se justifica, pois este trabalho deveria ser feito nas idades relativas às fases sensíveis de treinamento, momento em que é formada a base motora. Ainda mais que nestas faixas etárias não se deve priorizar a competição como fim, e sim como meio.

Um aspecto importante a ponderar é que as táticas de guerra evoluem, mas seus princípios estratégicos básicos são imutáveis, tendo como diferencial a cognição aplicada a estes princípios estratégicos. O treinamento correto na fase sensível ideal para o desenvolvimento cognitivo pode otimizar o treinamento tático no futuro, aumentando a rede neural e outras áreas do conhecimento.

A evolução ontogenética do “Ser Humano” se repete na filogênese do futebolista. Desta forma, apreciando a evolução sociométrica e filogenética do futebolista, estar-se-á municiado para afirmar que o treinamento físico, tático e técnico do futebol necessita ser melhor aproveitado, desenvolvendo as sinapses motoras e neurais, para que melhor retroalimentem as estratégias cognoscitivas, projetando pesquisas e treinamentos melhor direcionados para o desenvolvimento metacognitivo.

A realidade dos clubes de futebol e os pseudoprofissionais que atuam em seus segmentos têm como práticas por vezes consagradas que:

- o atleta serve para auferir lucros pessoais para dirigentes, sendo o clube lesado financeiramente. Ou seja, o “olheiro” apresenta um atleta que pode ser bom ou não (mesmo sendo ruim ele é aprovado, mas é liberado na primeira oportunidade). Por detrás disso existe um “acerto” com o dirigente ou avaliador, onde o clube paga o “olheiro” e este repassa a maior parte para o profissional que facilitou a contratação.
- alguns trabalhos ditos sociais, em verdade, são plataformas que servem aos interesses eleitoreiros, quer para eleições no clube ou mesmo eleições governamentais.
- nas fases sensíveis, em que crianças, jovens e adolescentes deveriam ser trabalhados em sua base motora, os clubes os obrigam a competir, buscando só o resultado, pouco se importando com os problemas de saúde física e mental no futuro.

Findo o 3º caminho autêntico, não encontramos coerência interna em “P.R.A.Ca.Desp.” no futebol brasileiro.

Homeomerias e o Paradoxo do Futebol Brasileiro

A falta de um programa desportivo no Brasil e a forma inconsistente com que são avaliados os atletas “Port.Al.Ha.” no futebol brasileiro conduziram-nos a verificar no 4º caminho autêntico, que: *Não existe diferença significativa, em um nível alfa de $p < 0,05$, entre os desempenhos das equipes de futebol do Brasil em relação à equipe de futebol da Alemanha em Copas do Mundo - (H01).*

Vários mitos ainda envolvem o futebol no Brasil. Um é atribuir a Charles Miller a paternidade do futebol em nosso solo pátrio. Outro mito é um paradoxo que começa por um sofisma: “O Brasil é penta-campeão mundial de futebol, o Brasil é o que tem mais conquistas; logo, o Brasil é o melhor do mundo”. Este sofisma abre caminhos para o paradoxo: “O Brasil é o melhor futebol do mundo, mas não apresenta o melhor índice técnico-desportivo”.

Muitos autores procuram por meio de valores quantitativos mostrar que o Brasil é o país com melhor índice de aproveitamento técnico do mundo. Porém, deixam de considerar os axiomas necessários para inferir suas conclusões. Recorrendo-se a Kant, em *Crítica da Razão Pura* (2000), fica clara a necessidade dos axiomas, pois:

Relativamente à quantidade (“quantitas”), quer dizer, à questão de saber qual é o tamanho de uma coisa, sobre isto não há axiomas no verdadeiro sentido da palavra, por mais que muitas destas proposições sejam sintéticas e imediatamente certas (“indemonstrabilia”). Porque, que o par aditado ao par ou tirado do par dê o par, são estas proposições analíticas, posto que tenho consciência imediatamente da identidade da produção de uma quantidade com outra. Os axiomas, pelo contrário, devem ser princípios sintéticos “a priori”.

As proposições evidentes que exprimam as relações numéricas são seguramente sintéticas, pelo que não merecem o nome de axiomas senão só o de fórmulas numéricas. [...] Mas ainda que sintética, esta proposição é particular. [...] Tais proposições, pois,

não podem chamar-se axiomas (pois do contrário haveria um número infinito), mas fórmulas numéricas (p. 154).

Existem muitas maneiras de apresentar os resultados em competições. Pode-se pontuar só o primeiro lugar, por exemplo, o Brasil é pentacampeão mundial, logo é o melhor do mundo. Como também pontuar os dois ou três primeiros lugares. Por um destes critérios, a Inglaterra é o quarto país do mundo e o Uruguai o quinto, e em outro critério o Uruguai, o quarto e a Inglaterra o quinto colocado.

Para evitar erros no processo lógico-matemático iremos considerar a classificação de cada país (exemplo, se tiver oito competidores, o primeiro terá oito, o segundo sete pontos e assim sucessivamente) dividida pelo número de participantes multiplicado por 100. E, concomitantemente, serão construídos vetores intervenientes (Copas com número diferente de participantes, problemas sócio-políticos, geográficos, etc.), ou seja, os axiomas, que confirmem a quantidade dentro do processo de qualidade.

O Brasil e o Futebol Olímpico

O Brasil, país do futebol, teria como obrigação participar de todas as disputas olímpicas de futebol, caso desenvolvesse desde o começo um trabalho de gerência da qualidade administrativa, científica, metodológica e pedagógica.

Se o objetivo é mostrar o paradoxo que move o futebol brasileiro, no futebol olímpico não é necessário grande elucubração, pois nas vinte disputas o Brasil só participou de dez. A Hungria de Puskas sustenta o primeiro lugar com 20% de aproveitamento, a Iugoslávia e a ex-URSS, o segundo e terceiro lugares, com 18,33% e 15%, respectivamente. Com o mesmo número de pontos, empatados em quarto lugar, com 11,67% de aproveitamento, a Alemanha, o Brasil, a Dinamarca e a Polônia.

Fosse o futebol brasileiro administrado de maneira intra, inter e trans-administrativa, o futebol olímpico faria parte de um *continuum*. Participar das Olimpíadas seria planejamento, ganhar seria consequência de um trabalho profissional.

O Brasil e a Copa América

No cenário das Américas o futebol brasileiro tem demonstrado, paradoxalmente, baixo índice de aproveitamento técnico-desportivo. Basta analisarmos a fria estatística dos números, agravado por axiomas como: a extensão territorial, a população, condições climáticas e a culturas brasileira, que são amplamente favoráveis ao Brasil e, mesmo assim, outros países sul-americanos têm melhor índice de aproveitamento relativo em Copa América. A Argentina tem um aproveitamento de 79,44%; o Uruguai, de 75,95%; o Brasil, de 75,83%.

O descaso dos dirigentes do futebol brasileiro é tanto, que o jornal "O Globo" de 10 de junho de 2004 publicou: *Copa América virou laboratório[...] Comissão técnica partiu, com razões, para uma mudança radical. [...] a torcida engolirá o time B de fato.*

Tabela 1 - Estatística Descritiva do Aproveitamento em Copas do Mundo

País	Média ± DP	Valor Absoluto	Valor Relativo
Alemanha	74,96 ± 32,31	74,96	84,96
Argentina	51,75 ± 36,75	51,75	60,58

Disputamos três campeonatos que avaliam nossa *performance*, como desconsiderar sua importância técnico-desportiva, financeira e humanista? Com o celeiro de craques existente no Brasil, nada pode resistir a um bom programa a longo prazo. O que se comprovou com o resultado da Copa América de 2004, em que o Brasil, ao ser Campeão, passou para 76,60%, a Argentina com o segundo lugar foi para 79,75% e o Uruguai, com o terceiro lugar, obteve 76,12% de aproveitamento.

O Brasil e as Copas do Mundo

O potencial brasileiro no futebol é indiscutível. O senso comum aceita o nosso futebol como o melhor do mundo, mas sua produtividade é baixa. Para demonstrar isso, relacionamos os axiomas possíveis de serem considerados:

1º - A Alemanha tem uma superfície de 357. 039 Km²; o Brasil, de 8. 511. 965 Km²;

2º - A Alemanha tem 90 milhões de habitantes; o Brasil, 170 milhões de habitantes;

3º - Na Alemanha o clima frio dificulta a prática do futebol; no Brasil o clima quente favorece a prática do futebol.

4º - A Alemanha, segundo a FIFA, tem 6,3 milhões de praticantes de futebol, sendo sua paixão nacional o esqui no gelo; o Brasil, com 30 milhões de praticantes, conforme O Globo de 20 abr. 2001, tem como paixão nacional o futebol.

A **Tabela 1** foi confeccionada com os resultados gerais dos cinco melhores países que disputaram as Copas do Mundo de 1930 a 2002. Os escores atribuídos foram obtidos dividindo-se a classificação (o 1º lugar com o escore igual ao número de participantes) desses países pelo número de países participantes e multiplicando-se o resultado por 100 (vide Seção 3. 3. 2). Nos valores absolutos e relativos alcançados por cada país, calcularam-se:

- os valores médios obtidos, considerando-se a média dos pontos só nas Copas do Mundo em que o país participou;
- os valores absolutos, considerando-se as médias obtidas em todas as Copas realizadas;
- os valores relativos, que representam as médias conquistadas pelos países somente nas Copas em que participaram.

Em valores absolutos o Brasil tem 5,30% de vantagem sobre a Alemanha, mas, ao considerarmos os axiomas traçados, esta diferença não é representativa.

Em termos relativos, a Alemanha posiciona-se à frente do Brasil com a diferença de 8,32%. Mesmo conquistando cinco Copas do Mundo e sendo o único país a participar de todas as edições, o Brasil mostra, relativamente, menor índice de aproveitamento técnico-desportivo.

Tabela 2 – Análise de variáveis

	Somas dos quadrados	Df	Quadrados de média	F	Sig.
Inter grupos	135,426	1	135,426	,310	,582
Intra grupos	12229,919	28	436,783		
Total	12365,345	29			

Tabela 3 – Estatística descritiva

	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão	95% intervalo de confiança de média		Mínimo	Maximo
					Limite superior	Limite inferior		
1,00	15	84,9580	16,8310	4,3458	75,6373	94,2787	40,00	100,00
2,00	15	80,7087	24,2957	6,2731	67,2541	94,1632	18,75	100,00
Total	30	82,8333	20,6492	3,7700	75,1228	90,5439	18,75	100,00

A **Figura 2** torna clara a regularidade da equipe alemã, superior ao Brasil em três das cinco fases consideradas. Ressaltando que os Alemães não participaram da Copa de 1930 (fase "A"), nem da Copa de 1950 (fase "A") e, mesmo assim, foram superiores.

Comprovação do Paradoxo Técnico-Desportivo do Futebol Brasileiro

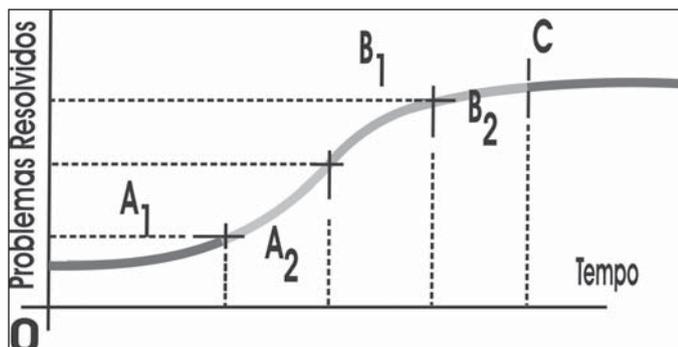
Os resultados da Análise de Variância (Oneway) utilizados sobre os dados das equipes da Alemanha e do Brasil, **Tabelas 2 e 3**, apontam uma diferença não significativa entre as equipes. Onde o resultado obtido foi: $F(1,28) 0,310 = 0,582; p > 0,05$.

Apesar de marcante, a diferença a favor da Alemanha, estatisticamente falando, foi significativa. Todavia, há de se ponderar que uma diferença média de dois pontos ou mais, em uma situação como esta, não deve ser considerada como não-representativa de uma superioridade. Por exemplo, muitas vitórias olímpicas de grande repercussão mundial têm sido obtidas por milésimos de segundo, como sistematicamente ocorre em natação e atletismo. A referida diferença aumenta sua significância ao considerarmos os axiomas formulados na Seção 3. 3. 2. 3.

Estágios do Paradigma do Futebol Brasileiro

A falta de um programa desportivo e a forma inconsistente de avaliar os atletas "Port.Al.Ha." no futebol brasileiro conduziu-nos ao paradoxo do paradigma em nosso futebol, verificando-se que: *não existe coerência interna no contexto epistemológico do atual estágio do paradigma dominante no futebol brasileiro - HR03.*

Trazendo para o eixo cartesiano o conjunto de variáveis que sustentam os paradigmas, chega-se ao gráfico de suas fases (**Figura 3**). No eixo das abscissas (**x**) temos o lapso de tempo

Figura 3 - Instantâneo das Fases do Paradigma no Futebol Brasileiro

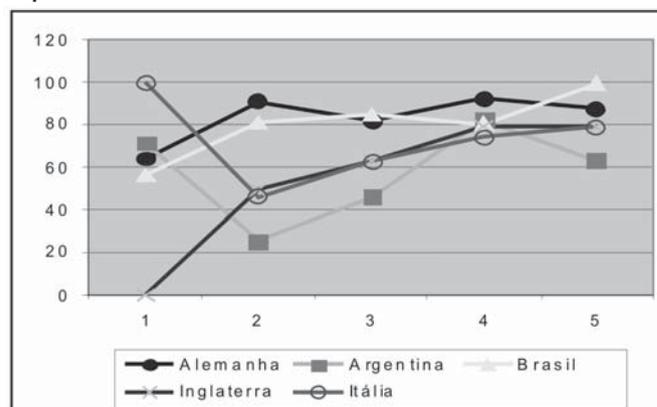
que dura cada estágio. No eixo das ordenadas (**y**), a solução dos problemas a serem resolvidos.

A primeira percepção que se tem de qualquer paradigma é que a sua vida útil não começa no tempo "0", mas sim um pouco acima, no eixo "y". Isso indica que as soluções dos problemas, que já existiam no paradigma dominante, começam a ser resolvidas pelo paradigma emergente.

Cada data do plano cartesiano (início e final de fase) representa um vórtice das energias de determinado evento. Este vórtice de energia pertence a sistemas fechados até que a força de coesão intermolecular diminua, destruindo o sistema até então equilibrado (o que significa a ruptura do paradigma). Os vórtices não significam datas exatas no eixo dos paradigmas, mas sim um "entorno" de datas que podem durar anos para confirmar um determinado perfil.

O paradigma será didaticamente dividido em estágios ("A", "B" e "C") que dividir-se-ão em fases ("A1", "A2", "B1", "B2"). O estágio "C" não será dividido em fases propositalmente, pois vislumbra-se a possibilidade de uma mudança de paradigma em nosso futebol. Os conceitos paradigmáticos aqui utilizados não são mecanismos antagônicos à ciência pós-moderna.

O material usado para proceder à coleta de dados e, daí, construir o gráfico do paradigma, foram os parâmetros da "Linha do Tempo no Futebol Brasileiro", apoiados em Unzelte (2000) e Souza, Vespucci e Manera (1997), e o índice estatístico de aproveitamento em Copas do Mundo. Para facilitar o entendimento de cada fase a seguir utilizaremos a **Figura 3**, vista anteriormente, mais a **Tabela 4** e a **Figura 4**.

Figura 4 - Índice de Aproveitamento Técnico-Desportivo em Copas do Mundo

Entornos Pré-Paradigmáticos

Pioneiros de um novo paradigma são os que adentram no começo do estágio "A", trazendo a massa crítica de cérebros, dinheiro e energia para levá-los do estágio "A" para o estágio "B". Dessa forma, em 1874 encontramos relatos em vários pontos do País sobre a prática do futebol. O ponto magno do pré-paradigma é o ano de 1882 (faixa média do "entorno"), quando o Imperador D. Pedro II solicita diretamente ao então deputado pelo Partido Liberal, Rui Barbosa, que apresente parecer sobre a reforma do ensino. O então parlamentar o faz e incentiva pesquisas nos colégios europeus. Rui Barbosa, "A Águia de Haia", foi o grande cérebro, o pioneiro intelectual que, junto a uma massa de entusiastas, alavancou o desporto brasileiro e, por consequência, o futebol em especial. Chegando-se à origem crítica do paradigma emergente ("O"), no ano de 1895.

Estágio "A" do Continuum do Paradigma do Futebol Brasileiro

O gráfico do paradigma do futebol no Brasil, do ano de 1895 até 1938, delimita a primeira fase "A₁". E a segunda fase "A₂" no período de 1939 até 1957.

• Fase "A₁" - Conhecimento das Novas Regras

Na fase "A₁" (1895-1938) temos o esclarecimento das novas regras que orientam a instalação definitiva do paradigma emergente. São muitos os problemas a serem resolvidos, e suas soluções, difíceis.

Oficialmente, de 1895 até 1932, o futebol era considerado um esporte amador e elitista no país. O ano de 1902 é o marco do rudimento das primeiras regras, data em que é organizado o primeiro campeonato do futebol brasileiro, o Campeonato Paulista. É criada a Liga Paulista de Futebol além de outras ligas (Bahiana, do Rio de Janeiro, etc.). Quatro anos depois, pela primeira vez uma equipe estrangeira (Sul-Africana, composta por ingleses) vem atuar no Brasil.

Em 1907, o futebol brasileiro é palco de seu primeiro "tapetão". Uma divergência entre Botafogo e Fluminense fez com que o Campeão Carioca não fosse declarado, provocando a dissolução da Liga Carioca. A questão só foi resolvida em 1995 (mil novecentos e noventa e cinco!), quando a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro declarou as duas equipes campeãs.

Em 1915, mesmo o futebol sendo amador, alguns jogadores começaram a receber dinheiro de sócios ricos (profissionalismo marrom).

O futebol continua a se organizar e, em 1916, Lauro Muller funda a Confederação Brasileira de Desportos, a CBD. Os clubes do Rio e de São Paulo, por sua vez, tentam também se estruturar e começam a cobrar ingresso dos espectadores. Em 1922, a CBD

cria o Campeonato Brasileiro de Seleções e a seleção de São Paulo tornou-se campeã. Um ano após, a CBD (que congregava todos os esportes) filia-se a Fédération Internationale de Football (FIFA).

Em 1930 o Brasil participa da primeira Copa do Mundo, disputada no Uruguai, que fica com o título. Um ano depois, trinta e nove dos melhores jogadores deixaram o País para jogar na Itália, episódio conhecido como "invasão italiana". No ano de 1932, o êxodo para buscar o profissionalismo aumenta mais ainda, com os jogadores indo para a Argentina e o Uruguai.

Na Copa de 1934 tudo se repete: a Seleção brasileira é desclassificada no primeiro jogo (Espanha 3 X 0 Brasil), ficando em 14º lugar, pior classificação até hoje. Tudo isso causado por uma gestão amadora, em que os melhores jogadores não foram convocados devido à briga entre os "amadores" da CBD e os "profissionais" da FBF.

Em 1937 o futebol brasileiro dá um passo à frente e a FBF se filia à CBD, começando então a ganhar prestígio internacional, aumentando sua popularização. Este prestígio se solidifica em 1938, na Copa da França, quando o Brasil fica em terceiro lugar. A Seleção Brasileira sofre a primeira derrota jogando em campos brasileiros: 5 a 1 para a Argentina, na decisão da Copa Roca.

A **Tabela 4** e a **Figura 4** apontam a pior das cinco fases consideradas, na qual a Seleção Brasileira obteve 55,65% de aproveitamento

• Fase "A₂" - Nova Maneira de Resolver Problemas

A fase "A₂" (1939 a 1957) é o momento no qual procura-se fundamentar as novas regras e os regulamentos que irão revolucionar o futebol. Nesta fase, muitas regras são conhecidas e dominadas, é preciso descobrir a melhor forma de comercializar os produtos.

Em 1940, com a presença do Presidente Getúlio Vargas, é inaugurado em São Paulo o Estádio do Pacaembu. Em 1941, o governo federal cria o Conselho Nacional de Desportos (CND), que determina que todas as entidades estaduais filiadas e responsáveis pelo futebol serão denominadas federações e ficarão subordinadas à CBD.

Em 1942, por conta da entrada no Brasil na segunda Guerra Mundial, ao lado dos aliados contra o eixo Alemanha-Itália-Japão, clubes brasileiros cuja origem estava ligada aos imigrantes destes países foram obrigados a mudar de nome: Palestra Itália, de São Paulo, muda para Palmeiras; Palestra Itália, de Minas Gerais, muda para Cruzeiro; Hespânia, de Santos, muda para Jabaquara; e o Germânia, de São Paulo, para Pinheiros. Em 20/01/1948, é lançada no Rio a pedra fundamental do Estádio Municipal do Maracanã, no então Distrito Federal. Em menos

Tabela 4 - Índice de Aproveitamento Técnico-Desportivo em Copas do Mundo

Fases	Alemanha	Argentina	Brasil	Inglaterra	Itália
A1: 1895 - 1938	63,7	71,15	55,65	0	100
A2: 1939 - 1957	90,62	25	81,02	48,72	45,68
B1: 1958 - 1970	81,25	45,83	84,38	62,50	62,50
B2: 1971 - 1993	92,08	82,08	80,42	79,17	74,17
C: 1994 - 200?	87,15	63,20	98,96	78,13	78,13

de dois anos o Maracanã foi construído e tornou-se o palco de uma das maiores “tragédias” do nosso futebol: a derrota do Brasil para o Uruguai, na final da Copa do Mundo de 1950, diante de mais de 200 mil pessoas. É criada neste ano, no campeonato paulista, a Lei do Acesso e do Descenso. Nas décadas de 20 a 40 sedimenta-se, aprofunda-se, democratiza-se e massifica-se a prática do futebol por todo o território brasileiro, transformando-o em mais do que um esporte, numa verdadeira paixão popular.

Nas Copas de 1939 a 1957, o Brasil teve 81,02% de aproveitamento e a Alemanha 90,62% (**Tabela 4 e Figura 4**). Nesta fase, a Alemanha não participou da Copa de 1950.

Estágio “B” do Continuum do Paradigma do Futebol Brasileiro

O período de 1939 a 1957 vem delimitar a fase “B₁”. A fase “B₂” vai de 1958 a 1970. Quando se está procurando a melhor forma de comercializar os “projetos”, começam a surgir indicativos da aproximação do final do estágio “A” e o começo do estágio “B”.

• Fase “B1” – Procura Eficaz de Soluções

Na primeira metade do estágio “B” (1958 a 1970) a solução de todos os problemas alça vôo, pois as regras são conhecidas por todos e suficientes para serem eficazes. Quanto mais problemas resolvidos, mais harmônica fica esta fase. Delineados os primeiros problemas, projetados os planejamentos, massificadas as regras com eficácia, as soluções dos problemas são alcançadas, levando o paradigma instalado ao sucesso.

Nesta fase, o Brasil venceu três Copas do Mundo, posicionando-se como grande potência mundial, com exuberante futebol de rara plasticidade. A par disso, Pelé se consagra como o maior jogador de futebol de todos os tempos. Em 1963, na final do campeonato carioca, comprova-se essa fase áurea, quando o Maracanã recebe 177.020 torcedores pagantes. No ano de 1969, Pelé marca o seu milésimo gol, consolidando-se como o melhor atleta do século.

Na terceira fase, o Brasil alcançou 84,38% ao conquistar o tricampeonato do Mundo (**Tabela 4 e Figura 4**). A Alemanha também se destacou com 81,25%.

• Fase “B2” – A Eficiência do Paradigma Dominante

A segunda metade do estágio “B” (1971 a 1993) aponta para o momento ideal de intensificar a busca de um novo paradigma, uma vez que o máximo de sucesso alcançado nesta fase deverá, pelas leis naturais, tender para o declínio. Aqui, os múltiplos concorrentes (paradigma emergente), mesmo iluminados pela luz do paradigma dominante, tendem a ser um fator complicador, pois na busca de melhor eficiência acabam vislumbrando melhores soluções do que aquelas do paradigma dominante. Este é o ponto provável onde começam a emergir os primeiros raios de um novo paradigma. O formato do novo paradigma que emerge é indesejável para muitos envolvidos no atual paradigma.

Em 1974, na Alemanha, o Brasil estabeleceu a pior média de gols por partida (0,8) até hoje registrada na história das Copas.

A imprensa começa a refletir o sistema organizacional tenso do futebol brasileiro. O jornal *O Estado de São Paulo*, em 25 de agosto de 1974, dá o pontapé inicial para as sugestões que seriam repetidas por muitos anos:

- a) uma confederação somente para o futebol;
- b) arrecadação de dinheiro para os clubes através da loteria esportiva;
- c) pesquisa com torcedores para saber os problemas do nosso futebol;
- d) calendário planejado com antecedência e de forma mais racional e profissional, visando lucro para os clubes;
- f) punição aos jogadores violentos;
- g) adoção do modelo futebol-empresa com gerenciamento de profissionais.

Essas sugestões foram adotadas no decorrer do tempo. Mas, o futebol continua sendo administrado, em sua grande parte, por pessoas não-capacitadas. Em 1977 surge a publicidade ao redor dos campos de futebol. Fatos antigos vêm à tona e criam no paradigma dominante do futebol brasileiro alguns traços de ruptura. Um desses foi em 1978, quando o jornal *O Globo* publicou uma série de artigos e debates com jornalistas, dirigentes e técnicos de futebol, expondo “A decadência do futebol brasileiro”. Como medida minimizadora, em 23 de novembro de 1979 é criada uma entidade própria para o futebol: a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

No ano de 1980 acontece o terceiro grande êxodo de craques brasileiros para o exterior. Este êxodo torna-se maciço em 1982, quando o CND aprova o uso de publicidade nos uniformes, que apareceu pela primeira vez em 1983. Chega o ano de 1987 e têm início as transmissões de TV ao vivo. Surge também o “Clube dos 13” (Cruzeiro, Atlético Mineiro, Botafogo, Flamengo, Fluminense, Vasco, Grêmio, Internacional, Corinthians, Palmeira, Santos e São Paulo).

O Projeto Zico foi aprovado em 1993 no Congresso Nacional, sendo normatizado na Lei 8.672, sancionada pelo Presidente em 6 de julho de 1993.

Embora nesta fase o Brasil não tenha conquistado nenhuma Copa do Mundo seu índice foi de 80,42. A Alemanha obteve seu maior índice (92,08) ao conquistar as Copas de 1974 e 1990 (**Tabela 4 e Figura 4**).

Estágio “C” do Continuum do Paradigma do Futebol Brasileiro

O estágio “C” (1994 a 200?) pode estar em sua 1ª fase ou não, pois a qualquer momento o “caos” pode reorganizar um novo paradigma. Na fase “C” os problemas são maiores, pois na fase “B” as questões a resolver são grandes e numerosas, portanto a² mais fáceis resolvidas primeiro, enquanto as mais difíceis permanecem aguardando solução.

Na fase “C”, os problemas fáceis já acabaram, restando os mais difíceis, caros, sofisticados, sutis e amplos. O alto grau de satisfação nos seduz, diminuindo a solução dos problemas. Sedução que nos prende ao paradigma dominante, dificultando mudanças (paradoxo do paradigma), momento em que se tem dificuldade de enxergar novos horizontes, caindo assim no “feito do paradigma”, onde só conseguimos ver o mundo através de

nossos modelos. Este mar de obstáculos instala uma crise que começa a chamar a atenção das pessoas. Deste “caos” provavelmente surgirá um novo paradigma.

O certo é que tudo leva à necessidade de mudanças paradigmáticas no futebol brasileiro. Porém, tais mudanças não ocorrem em um dia, um ano, mas em um período de tempo bem maior.

O tetracampeonato mundial de futebol, em 1994, aconteceu depois de 24 anos, deixando amarga saudade dos tempos áureos e românticos do futebol fisicamente correto, tecnicamente artístico e taticamente profícuo em estratégias metacognitivas.

É somente em 1997 que o jogador brasileiro liberta-se da escravidão da cartolagem e, depois dos trinta anos de idade, pode obter o “passe livre”. A próxima vitória vem com a Lei Pelé, nº 9615, aprovada em 24 de março de 1998.

A crise da década de 30 era do profissionalismo “marrom”, por conta dos atletas. A partir da década de 80 vieram crises relacionadas a dirigentes que ainda hoje conduzem o clube de futebol como clube social e por vezes em proveito próprio. Aquela crise metamorfoseou-se para o “profissionalismo laranja” (intermediário que faz transações em nome de um terceiro, cuja identidade fica oculta). Dirigentes de clubes, de federações e da CBF se eternizaram nos cargos, construindo verdadeiros feudos. O futebol brasileiro tem sua crise máxima em 2001, com a CPI do Futebol. Estamos na fase “C1” ou na “C2”? É seguro estarmos no crepúsculo de uma nova ordem. Clubes menores apresentam melhores índices de aproveitamento e clubes grandes perdem espaço devido à parca profissionalização.

Em 2002, na Copa do Japão/Coréia o Brasil sagra-se campeão, tornando-se o único país do planeta a conquistar cinco Copas do Mundo, com um futebol defensivo e matematicamente planejado, no melhor estilo europeu.

Na última fase, o Brasil com 98,96% ganha duas Copas do Mundo (1994 e 2002) e a Alemanha com sua estabilidade consegue 87,15%.

Compartimento das Humanidades

O 3º objetivo é alcançado pelo 6º caminho autêntico, diretamente relacionado com o “Ente do Ser do Homem” (atleta) – o compartimento das humanidades, apresentando como resultado que: *Não existe coerência interna quando crianças, jovens e adolescentes portadores de altas habilidades são avaliados por observadores técnicos (“olheiros”) durante eventos (campeonatos, jogos, “peneiras”, etc.) de revelação das aptidões desportivas no futebol brasileiro.* - (HR04).

“Olheiro”: Instinto e Senso Comum? Ou Intuição Metacognitiva?

A linha de produção e montagem dos programas para revelar atletas “Port.Al.Ha.” sobrevive da matéria-prima atletas de alto nível. Estes são revelados pelos “olheiros” e treinados por profissionais específicos.

A continuação da problemática que consolida o terceiro objetivo começa quando os “olheiros” que realizam avaliações no futebol (ou em qualquer esporte) percebem (ao ver o atleta) e julgam

(decidem) se são um “talento” ou não. Estes julgamentos ocorrem sem critérios ou normas definidos.

Esses profissionais pertencem a dois universos: os que percebem pela sensação, utilizando os cinco sentidos; ou os que percebem pela intuição, forma indireta que utiliza o inconsciente, associando as percepções do mundo exterior.

Os “olheiros” podem julgar de duas maneiras: pelo pensamento em sua forma analítica e racional; ou pela forma mais humana, o sentimento.

Estas quatro possibilidades (duas a duas) mesclam-se com matizes próprios, e, dependendo das combinações, o “olheiro” pode ser mais ou menos produtivo.

Por não existir uma bateria de testes dentro do programa para revelar os “talentos”, o resultado depende do avaliador: quanto mais sensorial ele for, menor será sua capacidade preditiva; quanto menos sensorial, maior intuição terá. Somando-se a escolha certa do avaliador mais produtivo com a experiência e o trato epistemológico, obtêm-se resultados mais relevantes, com possibilidades de construções metacognitivas.

Potencializar a capacidade cognitiva desde a mais tenra idade formatará o jogador exuberante nas estratégias cognoscitivas. Extrapolando para os “olheiros”, estes serão diferenciados na medida em que se aproximem de estágios superiores (metacognição).

O “olheiro” possui a experiência afetiva e a do grupo a que pertence; mesmo assim, na esfera cognitiva e metacognitiva seu trabalho é orientado pelo senso comum.

O “garimpo” em nosso futebol tem nichos com formas históricas e culturais de revelar o “talento”. Mas o modelo é semelhante em todo o rincão nacional: em alguns minutos ou em poucas horas os “olheiros” batem o martelo e afirmam que aquele atleta é “craque”. Este tipo de avaliação “simplista” potencializa carências, privações e vacuidades no atleta.

Tanto o atleta como a estrutura das homeomerias dos “P.R.A.Ca. Desp.”, devem ser tratados na direção da ciência e da antropoética. Estando cientes do modelo de atuação dos “olheiros”, restava-nos comprovar que sua atuação ancora-se no senso comum. Para tal, procuramos investigar, considerando um grupo de vinte “olheiros” de diferentes clubes de futebol, a relação entre a capacidade cognitiva (teste para estratégia de análise de conhecimento dos “olheiros” - TEACO) e a condição técnico-desportiva para avaliar o “talento” no futebol (teste de avaliação do “olheiro” - TAO). Estes dois instrumentos de medidas foram validados por opinião de um grupo de cinco *experts*.

Desta forma, lançou-se mão de uma análise correlacional (Pearson). O resultado obtido foi de $p < 0,021$, demonstrando que a capacidade cognitiva de avaliação dos “olheiros” se correlacionava com o seu conhecimento técnico na hora de observar e avaliar o atleta. No entanto, ao analisar as respostas dissertativas dos “olheiros” nos referidos testes, ficou claro que a condição cognitiva de entender as valências físicas e técnico-táticas do que é um “talento” não eram congruentes com a sua forma de avaliação. Por exemplo, na questão “10” perguntava-se:

“Você realiza mais algum tipo de avaliação que acha importante para descobrir o ‘talento’?” E a resposta foi:

“Procuro também observar como o atleta usa o uniforme, a aparência pessoal (brincos, etc), pontualidade.”

Essa questão, associada a outras, caracteriza que o método de avaliar o potencial “talento” para o futebol está apoiado mais nas impressões garantidas pela repetição, do que em decorrência de uma análise técnico-lógica com critérios e parâmetros avaliativos.

Constatou-se nesses testes um alto grau de falta de conhecimento sistemático, o que é compreensível, porque, em sua maioria, eles utilizam o senso comum. A sistematicidade de observação talvez tenha levado estes indivíduos a desenvolverem um *feeling* sobre a capacidade do jogador, como se este *feeling* fosse uma dedução sobre uma multiplicidade de fatores internos, a partir de uma apreciação “apenas do momento”.

Contudo, com base na experiência deste pesquisador, resolveu-se abandonar esta via, por ela não construir um axioma e seus resultados formarem bolsões de sofisma. No atual paradigma, é difícil comprovar o grau de eficiência dos “olheiros”, o que é corroborado pela nossa vivência, segundo a qual se constata que pseudos “talentos” não “explodem” na idade adulta. É possível ocorrer o contrário, ou seja, atletas medianos que na idade madura tornam-se “craques”.

Para alcançar definitivamente o terceiro objetivo é importante suprir as carências, vacuidades e privações do sistema de revelação, de treinamento a longo prazo e de avaliação de atletas; é necessário levantar causas que formem um modelo-característico e matemático sob as óticas genéticas (Físicas/Biológicas e Emocionais/Psicológicas), fenotípicas (Morais/Humanas e Socioculturais) e Cósmicas/Transcendentes.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

O desporto brasileiro não possui um perfil epistemológico, deixando de apresentar um modelo-característico baseado na totalidade antropológica.

Os diversos desportos, em especial o futebol, em relação às principais escolas internacionais não desenvolvem programas de gerência da qualidade total administrativa e no treinamento a longo prazo. Falta no Brasil uma metodologia própria de treinamento do atleta, um sistema eficiente de preparação tanto das reservas desportivas, quanto dos diversos profissionais envolvidos. A literatura nacional referente a essa área específica é precária, vivendo-se verdadeira xenomania.

A ausência de um “P.R.A.Ca.Desp.” faz com que o Brasil não alcance o melhor índice técnico-esportivo nos Jogos Olímpicos, na Copa América e na Copa do Mundo.

O paradoxo do futebol no início do século XX ficou por conta do desporto sob a égide da dupla ética: no início, o profissionalismo “marrom” e, hoje, o “profissionalismo laranja”. Nasceram mais dois paradoxos: primeiro, ser administrado por dirigentes amadores e segundo, como consequência do primeiro, “ser o melhor futebol do mundo, mas não ter o melhor índice técnico-desportivo”.

Os “olheiros” desenvolvem há cem anos, do mesmo modo, avaliações instintivas e priorizam as habilidades técnicas, deixando de valorizar as qualidades cognitivas. Assim, não trabalham a intuição metacognitiva.

CONCLUSÕES

A ausência de projetos e programas desportivos a longo prazo com administração profissional e inclusão social prejudica a formação da base motora da criança, com malefícios futuros para o desporto, para as atividades do futuro cidadão e para a saúde. A produtividade técnico-desportiva do futebol brasileiro não é coerente com sua tradição no cenário mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERESFORD, Heron. **Anotações em sala de aula na disciplina Estatuto Epistemológico da Motricidade Humana**. Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco, 3º quadrimestre, de 2001.

FERNANDES FILHO, José. **Projeto de seleção de talentos para a Zona Oeste**. Rio de Janeiro: UCB, 2001.

FIDEL Castro Ruiz. **Cuba tem desenvolvido uma cultura desportiva verdadeira e sadia**. Discurso proferido pelo Presidente Fidel Castro Ruiz, durante o encontro com representantes da delegação desportiva que assistiu aos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, no dia 13 de agosto de 1999, complementado com argumentos e dados adicionais por ele elaborados. Disponível em © Copyright GRANMA INTERNACIONAL DIGITAL. La Habana. Cuba. Acesso em 12 de ago. de 2003.

GULBIN, Jason. **Modelos aplicados de detecção de talentos**. Anotações em sala de aula no I Congresso Internacional de Treinamento Desportivo. São Paulo: março de 2003 (mimeo).

KANT, Emmanuel. **Crítica da razão pura**. 9. ed. Tradução de J. Rodrigues de Mereghe. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. 220p.

MARQUES, Antônio. **A promoção de talentos desportivos na ex-RDA: acabou-se a mais poderosa fábrica de campeões do mundo?** Porto, Portugal: Universidade do Porto, (s.d). 18p.

SOUZA, Sérgio de; VESPUCCI, Ricardo; MANERA, Roberto. **100 anos de futebol no Brasil: de Charles Miller ao tetra mundial**. Brasília. 1997.

UNZELTE, Celso. **O Livro de Ouro do Futebol**. 3 ed. São Paulo: Ediouro, 2002. 704 p.

VERNON, Furtado da Silva. **Anotações em sala de aula na disciplina de Neurociência**. Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco, 1º quadrimestre, de 2002 (mimeo).

WEINECK, Jürgen. **Treinamento ideal: instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico considerações específicas de treinamento infantil e juvenil**. Tradução de Beatriz Maria Romano Carvalho. Revisão Científica de Valdir J. Barbanti. 9. ed. São Paulo: Manole, 1999. 740p.